

A VERDADE

Orgão Spirita

PUBLICA-SE 4 Vezes por Mês

REDACTORES DIVEROS

Anno I

Cuyabá, 21 de Fevereiro de 1895

N. 37

A VERDADE

Cuyabá, 21 Fevereiro de 1895

Resumo

DA

LEI DOS PHENOMENOS ESPIRITAS.

Por Allan-Kardec

I.—Dos Espíritos.

1.—O Espiritismo é uma sciencia de observação, e, por sua vez, uma doutrina philosophica. Como sciencia pratica consiste nas relações que se pode estabelecer com os Espíritos; como philosophia comprehende em si todas as consequencias moraes que emanam dessas relações.

2.—Os Espíritos não são, como a muitos se afiguram, seres separados da criação; são as almas d'aquelles que viveram na terra ou em outros mundos. Almas ou Espíritos é uma e a mesma cousa, e d'aqui se segue, que todo aquelle que crer na existencia da alma, ha de necessariamente acreditar na dos Espíritos.

Negar os Espíritos é negar a alma.

3.—Tem-se feito geralmente uma idéa muito falsa do estado dos Espíritos, elles não são como alguns julgam seres vagos e incertos, nem pequenas chamas como os fogos fatuos; nem phantasmas como os contos de outro mundo; são seres como nós, tem um corpo como o nosso, mas de uma natureza fluidica e invisivel no seu estado normal.

4.—Logo que a alma se une ao corpo, durante a vida tem um duplo involucro; um pesado, grosseiro, sujeito a destruição, que é o corpo, o outro fluido, leve e indestructivel, que se chama perispírito. O perispí-

rito é o laço que une a alma ao corpo; é por seu intermédio que a alma faz obter o corpo, e que ella percebe as sensações experimentadas por elle.

A união da alma, do perispírito e do corpo material é que constitue o homem; a alma e o perispírito separados do corpo constitue o ser chamado Espirito.

5.—A morte é a destruição do involucro corporal; a alma abandona esse involucro como deixamos um traje usado, ou como a borboleta deixa a sua chrysalida; porém conserva seu corpo fluido ou perispírito.

A morte do corpo desembaraça o Espirito do involucro que o prende a terra e o faz soffrir; uma vez solto desse fardo elle não tem mais do que um corpo ethereo que o permite percorrer o espaço e de vencer as distancias com a rapidez do pensamento.

6.—Os Espíritos povoam o espaço, constituem o mundo invisivel que nos cerca; no meio do qual vivemos e estamos constantemente em contacto.

7.—Os Espíritos conservam as percepções que tinham na terra, em um gráo mais elevado, porque suas faculdades não são amortecidas pela materia; elles tem sensações que nos são desconhecidas; vêm e ouvem cousas que os nossos limitados sentidos não nos permitem vêr nem ouvir.

Para elles não ha obscuridade, salvo para aquelles que em punição têm de estar temporariamente nas trevas. Todos os nossos pensamentos se repercutem n'elles, que os têm como em um livro aberto, de modo que aquillo que nós podemos occultar a um vivo, não o podemos fa-

zer desde que essa pessoa é um Espirito.

8.—Os Espíritos conservam as affeições serias que tinham na terra; elles se delectam vindo para junto d'aquelles que estimam, sobre tudo, quando são atraídos pelo pensamento e sentimentos affectuosos que lhes dedicam; são no entretanto indifferentes para os que não lhes conservam lembrança.

9.—Uma idéa que igualmente ha entre as pessoas que não conhecem o Espiritismo, é a de crer que os Espíritos, por se acharem desprendidos da materia, devem tudo saber, e pressuir o poder da sabedoria. E' isso um grave erro.

Os Espíritos sendo as almas dos homens, estes não adquirem a perfeição, pelo facto de terem deixado o involucro terestre. O progresso do Espirito não se completa senão com o tempo, e não é senão depois de se despojar das imperfeições, que adquire os conhecimentos que lhe faltam. Não é racional admittir que o Espirito de um selvagem ou de um criminoso se faça de prompto sabio e virtuoso; como é contrario á justiça de Deus suppôr que elles possam ficar eternamente em sua inferioridade!

Como existem homens de todos os grãos de saber, e de ignorancia; de bondade e de maldade, o mesmo se dá entre os Espíritos. Ha entre elles espiritos frivolos, malignos, mentirosos, hypocritas e vingativos; não deixando de haver outros que ao contrario possuem as mais sublimes virtudes, e o sabor em gráo desconhecido para terra. Esta diversidade na qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a conside-

rar, porque explica a natureza boa ou má das communicações que se recebe; n'essa distincção é que se faz necessario empregar todo o cuidado.

Livro dos Espiritos n. 100, Escala espirita. — Livro dos Mediums, capitulo XXIV.

Pensamentos de além tumulo

I

É incrível quanto o orgulho é subtil para nos enganar: Quando encontramos alguma difficuldade que não temos a hombriedade de vencer, dizemos: « Não estou para indereitar o mundo »!

O meus irmãos, precavei-vos contra o veneno de semelhante expressão. Então cada um de vós não está encarregado de reformar ao menos a sua própria pessoa, e de cooperar na reforma das outras pelo seu exemplo, que vale mais que as palavras.

Pensai e reflecti; elevai vossa alma a Deus, e não sentireis desses desanimos que são o fructo de vossa indolencia.

II

Meu venerado mestre, em quem tanta confio, ensina-me o que deve pensar um christão esclarecido a respeito da riqueza e da autoridade.

« Meu amigo, um verdadeiro discipulo de Jesus deve ter suas ideias firmadas sobre as questões que se referem ao seu adiantamento moral: Jesus tudo nos ensinou no seu Evangelho, porém as épocas não são as mesmas, os costumes mudam-se; de modo que certas expressões das parabolás de Jesus referem-se ao tempo em que esteve na terra entre os Judeus: Porém os principios são sempre os mesmos, — a verdade é eterna como Deus.

A autoridade, a riqueza são meros incidentes na vida de um homem: todos somos instrumentos nas mãos da Providencia; a autoridade, a riqueza são armas com que pode se fazer o bem ou o mal, e nada mais: infeliz d'aquella que suppõe que ellas lhe foram dadas para satisfazer

sua vaidade ou em recompensa de seus protandidos meritos.

III

Perdoar, perdoar sempre! —ahi está o cumulo da grandeza moral. O rico que dá de sua abundancia a seu irmão pobre, o que dá? — apenas o que lhe foi emprestado para saber se que uso elle faria des-se bem; porém o offendido que perdôa o seu offensor, dá realmente de seu, pois nada é nosso senão a nossa vontade.

Do mais temos seu fructo.

IV

A felicidade é o que todos anhelam, porém, só pode haver felicidade onde reina a ordem, o amor, de Deus acima de tudo, o amor do proximo como de vós, mesmos: Ora, é isso que se vê na terra? não: quando não reina a justiça em seu lugar deve reinar a força, para fazer respeitar a justiça em alguma coisa: é o character de quasi todas as constituições humanas; equilibra-se tudo por forças contrarias.

Vossa terra é um lugar de provação, deveis ser provados, soffrer; porém, esse desejo ardente de felicidade incita-vos a serdes melhores, a vos conformar aos preceitos da razão e da justiça, isto é, a amar a Deus acima de tudo e aos vossos irmãos como a vós mesmos: pois é isto a base da felicidade.

V

Temos procurado propagar a doutrina spirita, defendendo-a contra os inimigos della; teremos commetido algum acto de intolerancia para com os nossos irmãos que não communham nossas idéas? Desejamos ser esclarecidos para que não mais cahiamos nessa falta. Não temos consciencia de haver-a commetido, mas isso talvez seja devido ao atraso do nosso espirito.

« Disse Jesus Christo que a luz não deve ficar escondida debaixo do alqueire.

Desde que tendes uma crença, é obrigação promover a sua propagação; qual o abuso de que vossos inimigos podem censurar-vos? Elles

têm tudo. — a opinião publica, as instituições, a força enfim: vós, só vosso zelo em que podeis exorbitar.

Jesus tambem foi censurado: — não desaniméis.

Pascal.

Evocação

13 de Fevereiro

(m. A. Aguiar)

Apresenta-se o espirito de C. H. de nacionalidade franceza; homem, de bons costumes, porém materialista. Nunca poudese conformar com a idéa de um ser creador e de uma outra vida depois da morte. Viveu entre nós, occupando posição saliente na sociedade; porém um tanto afastado della pelo seu genio austero.

Sua familia partilha de seus erros, e vive entre nós; que ella possa beber nessas palavras o necessario para o arrependimento, — é o que do coração almejamos.

— Irmão, ainda persistis em vossas idéas; ainda continuas a negar o nosso Creador?

— « Não sei quem me trouxe a esta casa, para que me queeres... deixa-me... não me perturbas; eu só quero o socago, não me encommodes mais. Eu nada vejo, só ouço vozes, tantas blasphemias!... »

— Se quereis realmente ficar seccado, arrependei-vos de ter negado ao nosso Creador e peça-vos que principieis a demonstrar vosso arrependimento escrevendo o nome do Deus.

— « Para que? »

— Para demonstrardes que não repugnais em reconhecer o como creador de todas as cousas.

— « Não quero saber de nada, senhores, deixem-me, não vos quero mais fallar. »

— Nós não podemos deixar de vos fallar, pois queremos encaminhar-vos para o bem, fazendo-vos arrepender de terdes negado a Deus. Era vossa supposição que nada mais existia depois da morte, assim cavesteis a ruina e a perdição de uma familia inteira que educasteis nesses principios errados; pedi perdão e im-

plora para voltardes de novo a este mundo, afim de reparardes o mal causado e reconhecer Deus.

— «Isse se elle q' quer fazer en p'oder, i' acreditar; não sabes a persistencia de minhas convicções... nada mais... Creio que tudo são historias, o que já se foi, já se foi—é só o que creio.»

—O que suppondes que sois?

—«Homem como tu, ora esta, não sabes?»

—Então apalpa o vosso corpo; examina se tendes osso e carne; a-ém disso deveis ver que não vos achais entre os vossos filhos e vossa esposa: Porque os abandonasteis, si sois homem encarnado como nós; sois máu, pois por ventura não a-cha a vossa familia? Chamai por alguns de vossos filhos e determinai-os que vos tragam agua, o chapéo, a bengala para sahirdes á rua.

—«Não sei se tenho carne nem osso, o que sei é que me acho aqui. O corpo que se diz ser o meu, já vos disse que se apodreceu no cemiterio; (*) não sei como me acho aqui e nem em que lugar estou; as vezes sinto e ouço as vozes de algumas pessoas: minhas conhecidas, porém não as vejo; eu mesmo não sei explicar o que isto quer significar.»

—Sabes que o corpo que tendes não é o corpo mortal, portanto, irmão, sabes já que sois espirito e se isso reconheceris porque haveis de persistir no erro de negar ao nosso Creador? —Arrependei eu vos peço; Deus é bom, misericordioso e justo; si o vosso arrependimento for sincero, Elle vos perdoará e sentireis então uma felicidade com a qual talvez não sonhais.

—«Eu nunca vi um exemplo frizante que me fizesse crer tudo o que me dizs, nunca vi esse Deus de que tanto estás a me fallar, se o vis se talvez acreditasse.»

tam aos vossos ouvidos:—Alheo! —Ja vistas os espiritos que grido e que chamais de blasphemos? No entanto sabais que elles existem!

—Ora isto parece...nem sei... deixa-me por caridade.»

Disse isso em outra communicação pelo meio g'manubulico

—E esse mesmo sentimento que nos faz ser persistente, em mostrardes o caminho errado que seguis; appellaste para elle, não p'ir nós? Não também dizemos vós:—por caridade! não continueis a persistir no erro; não negu'is mais ao nosso Creador. Constrangem-nos a alma a vos sa'nto! Quereis ficar nas trevas, irmãos; não desejais ver a luz e poder estar ao lado das pessoas que amastes neste mundo, e principalmente ao lado de vossos filhos para inspirar-lhes o arrependimento. Oh! elles são como vós infelizes, porque negar a Deus é a maior aberração da natureza, é uma desgraça; persistir no erro é um suicidio moral, é a morte da razão.

«Ora, ora, quereis dar-me lições, creio não ser nenhuma criança a quem quereis cantar historias para intimidar a. Guardai isso para o t're; deixai-me!»

—Pois bem, irmão, por hoje dei-vos, porém, ficai certo que não desancaremos enquanto não conseguirmos a vossa reabilitação. Diz o adagio bem verdadeiro aliás:—A agua branda em pedra dura tanto bate até que fura. Haveis de vos arrepender.

—«Pode ser...».

O Evocador
Pedro Honce.

Excerto da obra—Depois da morte de LÉON DENIS

TRABALHO, S BREDADE, C NTINENCIA

O trabalho é lei para as humanidades planetarias como para as sociedades do espaço. D'iste o ser mais rudimentar até os espiritos angelicos que veiam pelos destinos dos mundos, cada qual fez sua obra, toma parte no grande concerto universal.

Penoso e grosseiro para os seres inferiores, vae-se o trabalho adocando á medida que a vida se depura, até se tornar delectoso para o espirito ahiantado, que já se libertou das atrações materiaes e ahi occupa de estudos elevados.

Pelo trabalho o homem senhoreia

as forças cegas da natureza e pôe-se a salvo da miseria; por elle é que se fundam as civilizações, espalham-se a abundancia e a sciencia.

O trabalho é a honra e a dignidade de ser humano. O ocioso que, sem produzir, aproveita-se do trabalho alheio, não é mais que um parasita. Enmudecem as paixões do homem emquanto elle está occupado de sua tarefa. Ao contrario, a ociosidade as desencaia e ellas abrova o vasto campo de acção. E' tambem o trabalho grande consolação, e salutar derivativo a nossos cuidados e tristezas. Elle abrandia as saudades e fecunda a intelligencia. Miguas, desenganos, desgraças, tudo elle dulcifica. O trabalhador tem sempre refugio certo nas provações, verdadeiro amigo na penuria. Para elle não pôe ser t'rdiosa a vida. Mas quanto é lastimavel a cegueira de quemelle que as doenças condemná á immobildade e á inacção! E quando tal homem já sentiu a grandza e a amidade do trabalho, quando, acima do interesse proprio, elle vê o interesse geral e o bem de todos, a que desjeria servir, é das provações mais cruéis que pôtem caber a um ser vivo.

Esta é no esp'ço a situação do Espirito que se u'gou a seus d'vres e espendeu a vida. Compreendendo muito tarde a nobreza do trabalho e a baixza da ociosidade, é-lhe um tormento não poder realizar o que a alma concebe e anseia.

O trabalho é a communhão dos seres. Por elle apressam-se uns aos outros, aprendemos a nos auxiliarmos e a nos unir; d'aqui á fraternidade pouco vae. A antiguidade romana deshonrara o trabalho fazendo dell' a sorte do escravo. D'ahi a esterilidade moral, a corrupção e as doutrinas cegas e frias daquelle scilicet da.

Os tempos actuaes têm diversissima concepção da vida. No labor fecundo e regenerador está a plenitude della. A philosophia dos Espiritos amplia ainda mais esta concepção indicando-nos na lei do trabalho o principio de todos os progressos,

de todas as elevações, mostrando-vos que a acção desta lei estende-se á universalidade dos seres e dos mundos. E isto autorisa-se a dizer: Nós, todos que deixamos torpecer vossas faculdades e forças latentes! Apé, e á obra! Trabalho, fecundar a terra, fazer estronhar os flocos es cadentes martellos e silvar o vapor! Grande e santa é vossa tarefa. Vosso trabalho e a vida, é a gloria, é a paz da humanidade. Operando pensamento, investigas os grandes problemas, estudas a natureza, propagas a sciencia, entornas pelas turbas os escriptos, e as palavras que animam, levantam e avigóram. Unidos na obra gigantesca de uma outra extremidade do mundo, trabalhe cada um de vós por opulentar o dominio material, intellectual e moral da humanidade.

(Continúa)

O homem atravez dos mundos

Continuação

A Queda do Anjo e a queda do homem

« Tomou pois o Senhor Deus ao homem e pô-lo no Paizo das delicias para elle o hortar e guardar. »

« E deu-lhe esta ordem, dizendo: coma de todos os fructos das arvores do Paraizo. »

« Mas não comas do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal, porque em qualquer dia que comeres d'elle morrerás de morte. »

« Disse mais o Senhor Deus: não é bom que um homem esteja só; façamos-lhe um adjutorio semelhante a elle »

« Infundiu pois o Senhor Deus um profundo somno a Adão, e quando elle estava dormindo tirou uma das suas costellas...

« E da costella que tinha tirado de Adão formou o Senhor Deus a mulher e a trouxe a Adão. »

« Então disse Adão: Eis aqui o osso dos meus ossos e a carne da minha carne. Esta se chamará Virago, porque de Virago foi tomada. »

« Por isso deixará o homem a

seu pae e a sua mãe e se unirá a sua mulher, e serão dous d'uma carne »

« Ora Adão e sua mulher estavam ambos nus e não se envergonhavam. »

Fecha com estas palavras o Capitulo segundo do Genesis. Não havendo n'esse tempo ainda peccado Adão custa a comprehender mais uma vez como sem o seu consorcio com Eva, que aliás lhe fôra dada por mulher, poderia haver no mundo o homem futuro, e este deixar seu pae e sua mãe para unir-se a outra mulher!

Por outro lado: se todas estas relações eram já futas por Adão, como diz o texto; isto antes d'elle haver provado o fatal pomo, o que quer dizer, antes d'elle haver perdido a innocencia: é de confessar que a sua linguagem era já a da im espíto instruido, perfeitamente ao correr das cousas, visto que Adão sabia já a influencia que de futuro o amor haveria de exercer no espíto do homem, a ponto de que este deixaria pela mulher o pae e a mãe!

Ora, se a posse d'estes conhecimentos não complicava a pureza do espíto, da mesma sorte que a razão esclarecida da mulher não importa para ella a perda da pureza do corpo: então mais uma vez se complica a questão do pomo vedado, uma vez que a instrução de Adão a respeito do futuro proceder da humanidade nas leis do amor, que por ellas deixaria pae e mãe, vinha antecipadamente preparar-lhe o espíto para o desfecho sabido!

Em tal caso, porém, donde receberia Adão aquella intuição?

E o meio donde elle a houve não estaria a preparar-lhe o mesmo desfecho, como condição capital á ordem primitiva, do— cresci e multiplicai-vos, e enchei a terra?!

Como entender-se, pois, o peccado original ante as duas pontas do dilemma em que vemos Adão, onde é colhido na desobediencia, ou por que não povoa a terra que lhe é dada para a povoar, ou porque a povoa, incorrendo, para isso, na tentação do peccado!...

Vale á pena não esquecer ainda aqui uma pergunta: Que papel representaram em tudo isto os anjos da guarda de Adão e Eva?

Com o anjo da guarda que é dado a toda a creatura humana não foi dado em principio aos primeiros paes?

Perque essa exclusão, se a queda do anjo prova que antes da queda do homem já havia anjos?!

O Cap. III do mesmo Genesis abre agora com as seguintes palavras, referentes já á tentação:

« Mas a serpente era o mais astuto dos animaes da terra, que o Senhor Deus tinha feito. E ella disse á mulher: Por que vos mandou Deus que não comessesdes de toda a arvore do Paraizo? »

« Respondeu-lhe a mulher: nós comemos do fructo das arvores que estão no Paraizo. »

« Mas do fructo da arvore que está no meio do Paraizo Deus nos mandou que não comessesdes, nem o tocássemos, para que não succeda que morrámos. »

« Porém a serpente disse á mulher: bem podeis estar seguros que não morrereis de morte. »

« Porque Deus sabe que em qualquer dia que vós comas d'esse fructo se abrirão os vossos olhos, e vós sereis uns deuses, conhecendo o bem e o mal. »

« Viu pois a mulher que a arvore era boa e fructosa aos olhos e delectavel á vista, e tirou do fructo d'ella e comeu, e deu a seu marido, que também comeu. »

« No mesmo ponto se lhe abriram os olhos, e tendo conhecido que estavam nus, coseram umas folhas de figueira e fizeram para si amantillas. »

João Balsamo.

[Continúa]

EXPEDIENTE.

ASSIGNATURA: POR MEZ: 1:000 REIS.
NUMERO AVULSO 300 REIS.

Typ. d'O Matto Grosso.